

SOUZOUSARETA GEIJUTSUKA: DESLOCAMENTOS ENTRE REALIDADE E FICÇÃO.

Ana Clara Noronha Santos¹

A contemporaneidade demonstra ser marcada de forma particular por um contínuo fenômeno de intercâmbio de informações entre virtualidade e realidade. Nesse sentido, da mesma forma que acontecimentos podem se tornar informação (notícias, relatos em redes sociais, etc.), a própria informação contida nestas mídias já demonstrou de inúmeras formas sua potência em propor e modificar aspectos da realidade. Pode-se citar por exemplo a extensa investigação envolvendo o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em que comprovou-se que o resultado das eleições norte americanas foi fortemente impactado pela divulgação de *Fake News*², propagadas intencionalmente pela empresa publicitária *Cambridge Analytica*, que utilizou indevidamente os dados pessoais de 50 milhões de usuários da rede social *Facebook*. Ou, por outro lado, o desencadear de organizações sociais e manifestações significativas, a exemplo da sequência de manifestações ocorridas em 2010 na chamada Primavera Árabe, cuja constituição muito se atribui à troca de informações pela internet. Da mesma forma, poderia-se citar inúmeros exemplos de fenômenos que se desenvolvem à partir do ambiente virtual, alimentando-se de discussões e informações oriundas do 'real'. Ou ainda, muitas vezes, como relatos ficcionais e informações deliberadamente adulteradas se instauram nestes suportes provocando todo tipo de consequências factuais.

No âmbito interpessoal o mesmo fenômeno se manifesta, ao passo que estas tecnologias se instauraram no cotidiano de forma intrincada, rearranjando as relações sociais de uma forma contundente e generalizada. E, ademais, possibilitando o anonimato e criação de perfis pessoais que ultrapassam em

¹ Graduanda em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Tal fenômeno refere-se à difusão, em redes sociais, de notícias e informações falsas. Tal questão atualmente é alvo de intensas discussões devido à sua aparente interferência em questões de interesse público, como impacto direto no resultado de eleições e influência na formação da opinião pública de modo geral.

diferentes níveis uma representação aproximada da identidade. Logo, é interessante observar que apenas no primeiro trimestre de 2018, o Facebook declara ter desabilitado aproximadamente 583 milhões de contas *fake*³. Contudo, para além destas contas que são deliberadamente fictícias, pode-se pensar também no quanto a retratação da vida no ambiente virtual, de um modo geral, é recorrentemente estetizada e modificada. Assim, observa-se um fenômeno crescente de compartilhamento da vida privada, a chamada ‘extimidade’, em que muito se fabrica e se mostra apenas aspectos específicos da vida.

Estas narrativas contemporâneas, literárias ou visuais (considerando-se ademais a relevância dos jornais televisivos e a influência de meios como a rede de vídeos *YouTube*), desempenham, portanto, uma função estrutural na sociedade midiaticizada, na medida em que tornam-se responsáveis por mediar relações tanto a nível subjetivo quanto coletivo. Desse modo, demonstram relevante aptidão não só para interpretar e propor leituras da realidade, como por vezes também para fabricá-la. Nesta medida, observar os fenômenos gerados por estes complexos híbridos constituídos por realidade-ficção, é de algum modo constatar a manifestação de fenômenos pregressamente apontados por teóricos como Guy Debord e Jean Baudrillard, cujos ensaios (por vezes considerados pessimistas ou “apocalípticos”) antecipavam discussões referentes a uma crise da noção de realidade. E, sendo assim, do mesmo modo que delinear a ‘realidade’ torna-se uma tarefa complexa, em contrapartida criar dispositivos de dissimulação torna-se cada vez mais viável.

Neste sentido, o conceito de ‘espetáculo’ proposto por Debord⁴ refere-se essencialmente a uma crescente impossibilidade de separação entre imagem, narrativa e realidade. E assim, uma incessante renovação tecnológica, aliada a uma avalanche de informações, impediriam um processamento crítico dos fatos e conseqüentemente uma distinção entre essas três esferas. Segundo o teórico, estabelece-se então uma conjuntura de “presente perpétuo” em que a constante exposição de um tema (seja um fato, uma celebridade, uma ideia, etc.) seria suficiente para atribuir-lhe relevância, independente de seu histórico, conteúdo, veracidade ou qualidade. Logo, aquilo que é disseminado, existe; e o que não é disseminado, não existe. Ou, nas palavras de Debord: “Aquilo que o espetáculo deixa de falar durante três dias é como se não existisse. Ele fala então de outra coisa, e é isso que, à partir daí, afinal existe. As conseqüências práticas, como se sabe, são imensas”⁵. E assim, tal qual apontado por Baudrillard, o mesmo se dá em relação à identidade:

³ Dados publicados pelo site de comunicação do Facebook, Facebook Newsroom. Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/news/2018/05/enforcement-numbers/>>. Acesso em 10 de nov. 2018.

⁴ FREDERICO, Celso. Debord: do espetáculo ao simulacro. *MATRIZES*. v. 4. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2010. p. 179-191. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38283/41099/>> Acesso em: 25 out. 2018.

⁵ DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Em contrapartida, o fato de que a identidade seja a da rede, não a dos indivíduos, e que a prioridade seja dada antes à rede do que aos seus protagonistas, implica a possibilidade de dissimulação, do desaparecimento no espaço impalpável do virtual, e de assim não ser mais localizável, inclusive por si mesmo, o que resolve todos os problemas de identidade, sem contar os problemas de alteridade.⁶

No âmbito artístico, inúmeros projetos se utilizam desta possibilidade de escamoteamento do real para questionar ou manipular modos de funcionamento do sistema de arte, que encontra-se tão suscetível a estas questões quanto qualquer outra esfera da sociedade. Logo, os resultados são biografias inventadas, artistas inexistentes e/ou anônimos. E de modo análogo, percebe-se também a criação de nomes de “utilização coletiva” (ou seja, que podem ser empregados por qualquer pessoa e que representam ideologias coletivas), fenômeno que se manifesta de forma similar na Web 2.0⁷, a exemplo do anonimato promovido pelos *nicknames* e das comunidades virtuais, como no caso do suposto artista Luther Blisset. Tal nome, empregado desde 1994 por inúmeros artistas, produtores e escritores, tornou-se conhecido por sua menção vinculada a notícias falsas, manifestações políticas anônimas, obras de arte e pseudônimos de escritores. Em 2002, por exemplo, um livro chamado “Q - O caçador de Hereges” foi publicado pela Conrad Editora no Brasil com esta atribuição; e em 2013 a notícia de uma suposta construtora chamada Luther Blisset que pretendia construir prédios em uma grande área verde da cidade de Porto Alegre, chamado Parque Redenção⁸, ganhou forte repercussão.

No contexto brasileiro, o artista contemporâneo Yuri Firmeza lida com tais processos de autoficcionalização de modo a gerar um aparato crítico que recai diretamente sobre a credibilidade da imprensa cultural da cidade de Fortaleza. Convidado para participar da 4ª edição do projeto “Artista Invasor”, desenvolvido por Ricardo Resende no Centro de Cultura Dragão do Mar de Fortaleza em 2006 (mais precisamente no Museu de Arte Contemporânea), Firmeza desenvolve um trabalho que constitui-se basicamente pela divulgação para a imprensa local da chegada de um internacionalmente reconhecido artista japonês. Assim, por meio de uma assessora de imprensa fictícia chamada Ana Monteja (em realidade, Irina Theophilo, então namorada do artista), origina-se o *fake* artista *Souzousareta Geijutsuka* (segundo Firmeza, “Artista Fictício” traduzido do japonês) e sua exposição *Geijitsu Kakuu* (traduzido, “Arte Ficção”).

⁶ BAUDRILLARD, Jean. Tela total: mito ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.

⁷ Refere-se à um segundo momento da tecnologia das redes em que o usuário do ambiente virtual pode participar ativamente estabelecendo relações, discussões e colaborando com produção de conteúdo em geral. Neste sentido, o usuário deixa de ser um ‘leitor’ do conteúdo exposto e passa a ser coprodutor de novas linguagens e dispositivos.

⁸ “Hackers divulgam notícia falsa de construção de prédios em parque de Porto Alegre”. Disponível em:

<<http://recordtv.r7.com/fala-brasil/videos/hackers-divulgam-noticia-falsa-de-construcao-de-predios-em-parque-de-porto-alegre-06102018>>. Acesso em 12 de Nov. 2018.

A mencionada personagem foi então desenvolvida à partir do escamoteamento de estruturas e linguagens que constituem os discursos dos artistas em geral, apresentando suas questões estéticas à partir de justificativas teóricas e declarando-se interessado em desenvolver temas como “o sofisticado equilíbrio entre a vida e a morte na natureza” e “reflexões sensoriais sobre a fragilidade da vida”⁹. Além disso, algumas imagens de obras são enviadas às redações; uma delas por exemplo seria um frame em que há uma imagem do gato de Firmeza, publicado pelo “Diário do Nordeste” com uma vaga declaração, supostamente de Geijutsuka: “o que continua valendo na arte é a intensidade que passa pela obra”¹⁰. Ademais, é apresentado um vasto currículo de reconhecidas exposições em cidades como Tóquio, Nova York e Berlim, além de três bem-sucedidas vindas anteriores ao Brasil. Como resultado, o suposto artista japonês é entrevistado via e-mail pelos principais jornais locais (“Diário do Nordeste” e “O povo”), e publicado nas primeiras páginas dos cadernos de cultura no dia anterior à abertura da exposição.

Em contrapartida, tal êxito é inédito para o projeto, já que os artistas das três edições anteriores (Jared Domicio, Marta Neves, Sólton Ribeiro) não contaram com nenhuma forma de divulgação. Segundo Ricardo Resende (curador e então diretor do MAC-CE): “Estes artistas passaram despercebidos pela mídia local em ocasião de suas intervenções. Só tomaram conhecimento aqueles que vieram espontaneamente ao museu”¹¹. Neste ponto, a imprensa local acaba evidenciando um desconhecimento (e, mais do que isso, um desinteresse) em relação ao cenário artístico local, posto que não apenas se abstém de validar os dados sobre o suposto artista, como também concede distinções a este grande - e inexistente - “artista internacional”.

Após grande repercussão, contudo, o público que foi à abertura da exposição surpreendeu-se com uma sala aparentemente em montagem, onde havia apenas um texto institucional assinado pelo diretor da instituição, e uma troca de e-mails afixada nas paredes da galeria, em que via-se o artista Yuri Firmeza discutindo com o amigo e sociólogo Tiago Themudo questões gerais relacionadas ao sistema de arte. Desta forma, entre outras temáticas, discutiam a ausência de investimentos para a produção de cultura local, bem como “o pensamento do poder messiânico dos grandes projetos”¹², ou seja, uma crença de que a realização de grandes e custosos eventos em momentos pontuais poderia substituir a necessidade de um investimento efetivo e contínuo nos setores culturais. Em meio a tais discussões, portanto, um público desconcertado

⁹ MOURA, Dawlton. Arte, natureza e tecnologia. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 10 de Jan. 2006. Trechos da matéria de primeira-capa do caderno de cultura.

¹⁰ *ibid.*

¹¹ RESENDE, Ricardo. Pode não ser doce a arte contemporânea. *Canal contemporâneo - revista eletrônica de arte*. Jan. 2006. Disponível em: <<http://www.canalcontemporaneo.art.br/brasa/archives/000610.html>>.

¹² FIRMEZA, Yuri (org.). *Souzousareta Geijutsuka*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

pôde conferir a declaração de que o até então oculto artista cearense, real convidado e integrante do projeto, pretendia ocupar a galeria com os desdobramentos de uma “situação político-poética”.

A ocupação da sala será da seguinte forma: irei inventar um artista. Biografia, currículo, obras... Tudo ficção. Um artista representativo dentro do cenário internacional, que desenvolve trabalhos com tecnologia de ponta e experiências genéticas. Quero viabilizar uma publicação sobre esse artista nos jornais, com textos críticos autenticando sua obra, além de entrevistas com ele... Pedi para o Ricardo entrar em contato com alguns críticos de visibilidade nacional, na tentativa de articular alguns textos fictícios. Você topa escrever um texto sobre a “obra” desse artista? Você pode inventar um pseudônimo para você... Também posso inventar a crítica, bem como os críticos.¹³

No dia posterior à abertura, contudo, os mesmos jornais que publicaram matérias enaltecendo *Souzousareta Geijutsuka*, se encarregam de realizar ataques incisivos não apenas a Yuri Firmeza, como também à credibilidade da instituição e ao cenário artístico de Fortaleza como um todo. Neste contexto, o “Diário do Nordeste” publica uma nota discreta na sessão “*Reality Show*”, logo abaixo de uma grande notícia sobre o programa de televisão *Big Brother Brasil*, intitulada “Exposição factóide compromete Dragão do Mar”. Tal matéria encarrega-se não apenas de ignorar a falha jornalística aparente, como também de desqualificar a direção do museu, declarando que “o artista e a instituição (Museu / Dragão do Mar) acabaram colocando em xeque ou até mesmo comprometendo o vínculo de credibilidade estabelecido junto aos veículos de comunicação e a sociedade cearense”. De maneira ainda mais agressiva, “O Povo” publica uma crítica intitulada “Arte e molecagem”:

A recente molecagem do artista plástico Yuri Firmeza, que inventou o pseudônimo de *Souzousareta Geijutsuka* e divulgou para a imprensa local seu (dele, Souzousareta) brilhante currículo de exposições no exterior como forma de conseguir espaço na mídia, revelou alguns traços do espírito da arte em Fortaleza. Com algumas caras exceções, uma arte pobre, recalcada e alienada, feita por moleques que confundem discurso (ou melhor, as facilidades conceituais de um discurso) com pichação; que acham que estão sendo corajosos quando não fazem mais do que espernear e gritar por uma

¹³ *ibid?*

mesadinha ou por uma berlinda oficial.¹⁴

No decorrer da exposição, contudo, Firmeza vai paulatinamente adicionando às galerias uma espécie de linha cronológica de todas as notícias, “entrevistas” e críticas publicadas em virtude da exposição do “japonês”. De tal modo, estabelece-se um espaço que funciona como uma espécie de “observatório da imprensa”, na medida em que viabiliza um rastreamento de todos os movimentos percorridos por essa ficção nas mídias - situação praticamente inviável quando discute-se a “viralização” de notícias fictícias ordinárias. De algum modo, cria-se um método pelo qual é possível observar desde o momento da inserção destas informações na mídia até seus desdobramentos posteriores e assim, por conseguinte, a maneira como a dita “imprensa cultural” local mantém-se totalmente alheia de qualquer tentativa de compreensão dos questionamentos efetuados por Firmeza - um dos fatos inevitáveis destacados pela ação. E assim, é curioso notar que mesmo involuntariamente tais situações fomentam o desenvolvimento do trabalho, que existe na medida em que estes processos ganham visibilidade e repercussão. Para Firmeza:

Em poucos momentos do trabalho eu tive controle total da situação (acho que nunca o tenho), esse “descontrole” se acentuou quando os jornais publicaram matérias sobre a chegada do artista. A partir daí o Souzousareta ganhou vida própria. Nesse sentido, os jornalistas trataram de mantê-lo vivo e em movimento - e continuam colaborando, de forma intensa e decisiva, com a vitalidade do Souzousareta.¹⁵

Assim, *Souzousareta* situa-se nesse lugar de dependência e intercâmbio, ao passo que se constrói pela contribuição dos veículos de informação, mas também consideravelmente pelo respaldo do Dragão do Mar - graças a aceitação de uma direção museal eleita por um processo excepcionalmente democrático. Ricardo Resende fora selecionado por uma comissão (formada por destacados críticos e curadores: Agnaldo Farias, Moacir dos Anjos e Rodrigo Moura), encarregada de analisar currículos de inúmeras procedências. E logo, devido a uma vasta experiência em gestão de museus, Resende é indicado ao cargo - em contraposição às típicas indicações arbitrárias derivadas de acordos políticos. E portanto, devido à aceitação dos riscos propostos pelo projeto, Resende torna-se um dos coprodutores do artista japonês e ao fim, apenas um ano depois, é retirado do cargo por razões “obscuras”.

De tal forma, como conclusão do projeto, Firmeza reúne todo o material que constitui o japonês e publica um livro, possibilitando um maior acesso ao caso e, por consequência, gerando um arquivo apto a

¹⁴ ARAÚJO, Felipe. Arte e molecagem. O povo, Fortaleza, 11 de Jan. 2006.

¹⁵ FIRMEZA, Yuri (org.). *Souzousareta Geijutsuka*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

ser consultado com finalidades de pesquisa - fator que potencializa muito não só discussões relacionadas à obra, mas também a temáticas relacionadas. Neste contexto, ao fim da publicação encontra-se um texto de Pedro Mesquita, que comenta a saída de Resende da seguinte forma: “a exposição *Geijutsu Kakuu* é, além de revelação, um presságio. Enquanto os dados forem lançados nessas circunstâncias levianas e arbitrárias que costumam permear o universo da arte, o jogo será marcado e o resultado previsível”¹⁶. Concluindo assim a evidenciação de uma conjuntura que, não por acaso e nem por razões desconhecidas, encontra persistentes impedimentos para a instauração de um cenário realmente interessado em práticas de desenvolvimento cultural e artístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Felipe. *Arte e molecagem*. O povo, Fortaleza, 11 de Jan. 2006.

DE BLOOIS, J. The artist formerly know as... or, the loose end of conceptual art and the possibilities of visual autofiction. *Image [&] Narrative*. v. 19. 2007. Disponível em:

<<http://www.imageandnarrative.be/autofiction/debloois.htm>> Acesso em: 20 out. 2018.

FIRMEZA, Yuri (org.). *Souzousareta Geijutsuka*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

KJELLMAN-CHAPIN, M. Fake Identity, Real Work: Authenticity, Autofiction and Outsider Art. *SPECS*. v. 2. n. 51. 2009. p. 148-159. Disponível em:

<<https://scholarship.rollins.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1151&context=specs>>. Acesso em: 21 out. 2018.

LUDMER, Josefina. *Aqui América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

NUNES, Fabio Oliveira. *Mentira de artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo*. São Paulo: PROAC-SP/Cosmogonias Elétricas, 2016.

¹⁶ MESQUITA, Pedro. Os outros ismos da arte: Despotismo, Nepotismo. In: FIRMEZA, YURI. *Souzousareta Geijutsuka*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.